



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A AFETIVIDADE COMO ESTIMULAÇÃO PRECOCE NA APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN EM ESCOLA DA REDE PRIVADA EM SÃO LUÍS, MARANHÃO.

Christiane Valêska Araujo Costa Lima

FACULDADE PITÁGORAS DO MARANHÃO chrislima99@hotmail.com

Resumo: O presente estudo tem como foco principal a afetividade como estimulação precoce na aprendizagem de alunos com Síndrome de Down. Trata-se de um estudo de campo, dissertativo, exploratório, quanti-qualitativo, envolvendo 60 professores que trabalham com educação inclusiva, cujo foco da pesquisa foi entender como os professores estão percebendo a afetividade como competência essencial na prática pedagógica. A relevância do estudo dá-se por contribuir para que os docentes se percebam autores do processo de inclusão de crianças que apresentam SD, utilizando-se da afetividade como estratégia para motivar os alunos em seu processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Síndrome de Down. Inclusão Escolar. Afetividade. Contribuições.



1 INTRODUÇÃO

Falar de inclusão escolar é falar de uma escola aberta para um mundo novo que se descortina a partir da aceitação de todos, respeitando sua natureza e sua essência. Por mais de duas décadas a inclusão escolar vem sendo discutida e delineada para atender crianças com especificidades educacionais de forma que todos se sintam parte integrante de uma sociedade harmoniosa, que não se sintam diferentes entre este ou aquele, já que todos são pessoas que estão no mundo para viver com dignidade e respeito, e devem lutar de maneira igual, para conseguir realizar seus sonhos, seus projetos de vida.

A inclusão é isso, é a capacidade de entender e reconhecer o outro e então conviver e compartilhar com pessoas ditas “diferentes” de nós. Com esse intuito, a educação inclusiva veio acolher todas as pessoas, sem exceção, sendo a escola uma instituição aberta a todos, que venham até ela para estudar e aprender, seja aqueles que tem deficiência física, ou aqueles que tem algum comprometimento mental, seja para os superdotados, ou menos dotados, pobres e ricos, Enfim, inclusão, quer dizer unir, reunir, ficar junto das pessoas que fazem parte do mundo, é estar com, é interagir com o outro (FÁVERO, 2005).

No contexto da inclusão, destaca-se a Síndrome de Down (SD) um problema que afeta milhares de pessoas em todo o mundo. (NUNES; DUPAS, 2011). No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) 23,9% da população brasileira possui algum tipo de deficiência e segundo a Organização do Movimento Down estima que pode existir a relação de 1 para cada 700 nascimentos, ou seja, há cerca de 270 mil pessoas com síndrome de Down no Brasil.

(As crianças com SD apresentam atraso significativo em seu desenvolvimento motor o que irá interferir em outros aspectos já que a criança, explora o mundo por meio de seu desenvolvimento motor, pois terá de andar, correr, falar, entender, etc. Outro aspecto que se destaca é a linguagem, que, nas crianças com SD, se apresenta com maiores atrasos SCHWARTZMAN, 2003)



Outro aspecto que merece atenção entre as alterações ocorridas no desenvolvimento cognitivo na SD é a atenção, já que as pessoas com essa síndrome, apresentam déficit de atenção o que compromete seu desempenho nas tarefas cotidianas bem como em sua maneira de explorar o meio. (VOIVODIC, 2004)

Em um mundo tão adverso ao próprio ser humano, onde a violência, o desrespeito e o (des)amor, fazem parte do cotidiano das famílias como está presente em diversos ambientes, falar de afetividade passou a ter uma presença crescente na agenda de pesquisa de vários estudiosos, principalmente, na área educacional.

A afetividade pode ser conceituada como “a maneira de tratar, falar com carinho, acolher” (ALMEIDA; SANTOS; GAMA, 2013, p. 9).

Já Vygotsky (2007, p. 129) e Wallon (2004, p. 82) descrevem o caráter social da afetividade como sendo a “relação entre afetividade e inteligência elemento fundamental para todo o processo de desenvolvimento do ser humano”.

A afetividade é o desígnio fundamental para a construção das informações cognitivo-afetivo nas crianças e conseqüentemente nas relações que devem ser estabelecidas entre professores e alunos. Surge daí a relevância de se abordar o tema afetividade docente, por entender que o cuidar é um ato consciente, que pode ser ensinado e consiste, por sua vez, num dos maiores geradores de prazer que o mundo humano conhece.

De acordo com Wallon, a afetividade está presente no indivíduo desde a mais tenra idade, ou seja, ela corresponde ao primeiro ano de vida da criança, na primeira etapa de desenvolvimento, onde predomina sua relação com o meio, expressa na afetividade com outros indivíduos, onde o bebê entende por meio da observação e do toque, pois, nessa idade, ainda não está evidenciada a linguagem (DANTAS, apud BRUNO NETTO, 2012).

Com base nesta temática, este estudo tem como fio condutor, a importância da afetividade como estratégia para estimular a criança com Down no processo de ensino-aprendizagem.

O momento atual exige mudanças de paradigmas na história de vida de crianças com Síndrome de Down, especialmente na escola e na sociedade, oportunizando novas maneiras de convivência social. Esse repensar deve contemplar a diversidade, especialmente, no ambiente escolar, como fator determinante do enriquecimento das trocas, dos intercâmbios que podem ocorrer entre os sujeitos que nele interagem, respeitando suas individualidades, para que não se



condene parte deles à segregação. Esse contexto, nos levou a questionar: Até que ponto professores sentem-se efetivamente preparados para o processo de inclusão de alunos com Síndrome de Down em salas de aulas regulares?

O objetivo do estudo é então, analisar a afetividade como estimulação precoce na perspectiva do educador, na aprendizagem de alunos com síndrome de down.

2 METODOLOGIA

Este estudo delinea-se como descritivo, exploratório, prospectivo, com abordagem quanti-qualitativa, realizado em uma (01) escola da rede privada da cidade de São Luís, localizada em um bairro bem populoso e tradicional da cidade. A escola funciona com educação infantil e ensino fundamental.

Entrevistou-se 60 docentes por meio de um questionário estruturado, que trabalham em turnos diferentes, pertencentes ao quadro de funcionários da escola e que desenvolvem a docência na educação infantil e ensino fundamental (direta ou indiretamente), ou seja, atualmente dentro da sala de aula ou já estiveram anteriormente, sendo esse o critério de inclusão.

As variáveis do estudo foram: experiência do trabalho com a inclusão, e percepção dos professores acerca do perfil do aluno com Síndrome de Down na escola, e percepção dos professores sobre a influência dos docentes sobre a afetividade como estimulação precoce na aprendizagem de alunos com Down.

Após a análise dos dados passou-se a tabulação dos mesmos, formando-se um quantitativo de cada questão, e em seguida cuidou-se de agrupar esses dados em gráficos para melhor visualização dos resultados. Em seguida, os resultados foram comparados com outros estudos e teóricos que tratam do tema pesquisado.



3 RESULTADOS

Indagou-se os docentes sobre como percebem a inclusão escolar em salas de aula regulares. As respostas variaram para 70% (n=42) considera bom e 30% (n=18) considera insignificante (Gráfico 1).

Gráfico 1 Percepção dos docentes sobre a inclusão escolar em salas de aula regulares

Em relação a estes resultados, tem-se os estudos Carvalho (2006) ao pesquisar sobre a concepção de professores sobre a inclusão, percebeu a experiência como positiva, pois esta acredita que a diversidade em sala de aula só vem a contribuir devido às interações que esta convivência proporciona.

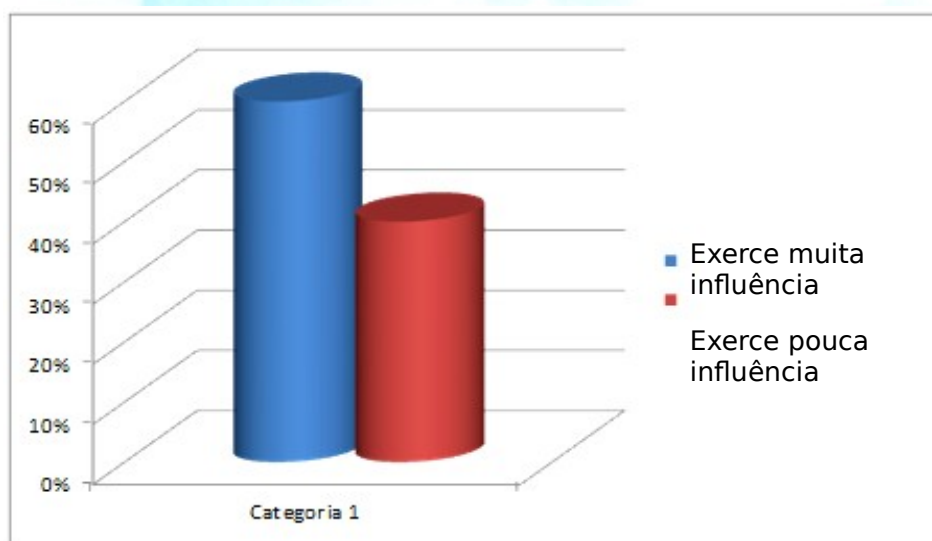
A concepção satisfatória da inclusão, só virá de professores que tenham o conhecimento amplo das mudanças que devem acontecer, para que a inclusão realmente ocorra, destacando a relevância de conhecer a percepção dos mesmos para desconstruir concepções negativas sobre a inclusão, afim de verificar se eles acreditam ser possível a efetivação desse processo e



posteriormente orientá-los em suas práticas docentes (CARVALHO; TEIXEIRA; NEGREIROS, 2010).

Em relação à dinâmica de interação família-escola, os professores têm percepções diferentes em que 40% (n=24) disseram que a família exerce pouca influência nos resultados do processo de ensino-aprendizagem enquanto que 60% (n=36) disseram que tem muita influência nos resultados (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Dinâmica de interação família-escola



Nos estudos de Estevão (2012) a ausência dos pais nas atividades da escola deu-se em 60% por falta de tempo por questões de trabalho. Isso dá-se pelas mudanças sofridas na estrutura familiar, valores culturais e novos paradigmas em que o novo papel desempenhado pelas mulheres na sociedade, as novas formas e estruturas de trabalho, as diferentes configurações familiares, são algumas dentre as inúmeras mudanças sociais das três últimas décadas que impactam as relações familiares e conseqüentemente tem reflexo na escola.

O professor tem como principal desafio a falta de acompanhamento familiar e a falta de colaboração da família em relação às atividades propostas pela escola, bem como o acompanhamento do desenvolvimento do filho com SD. Como ressalta Freire (1996, apud GIMENEZ, 2006, p.106) “é indispensável que os pais tomem parte das discussões com os filhos em torno desse amanhã”. Não podem nem devem omitir-se, mas precisam saber e assumir que o futuro é de seus filhos e seu.

Durante o estudo, uma mãe veio conversar conosco e ao ouvi-la, tivemos a certeza de que a participação da família é algo incondicional para o desenvolvimento da criança com SD. A



mãe, relatou espontaneamente os avanços de seu filho e como a relação professor e família, ajudou para que a criança, alcançasse o êxito esperado por todos.

[...] quando Davi entrou na escola, com dois anos e meio, andava ainda sem segurança e em poucas semanas, já corria atrás dos colegas. Esse crescimento foi facilmente perceptível, pois a professora, gravava em seu celular imagens dele para me mostrar no final da aula. Isso me motivou a rever o que meu filho precisava para melhorar e me mostrou os avanços dele [...]

(Mãe de criança com SD matriculada na educação inclusiva da escola pesquisada).

Observa-se pelo depoimento da mãe que a criança teve sucesso por causa do envolvimento de pessoas interessadas, no caso, a mãe e a professora, interessaram-se pelo desenvolvimento de Davi, havendo uma sincronia entre ambas. Então, é preciso por em prática as decisões para prover as melhores condições de viabilização do processo de ensino/aprendizagem.

Seguindo-se a visão de Libâneo (2001, apud LUIZ et al., 2008, p.326) o sucesso da aprendizagem depende “do envolvimento de pessoas interessadas nas questões da escola, no seu processo de tomada de decisões, sendo preciso que elas sejam postas em prática para prover as melhores condições de viabilização do processo de ensino/aprendizagem.

A pesquisa com docentes revelou que as relações do aluno com SD quando contrariado ou quando lhe é imposto limites, apresentou os seguintes resultados: 20% (n=12) é agressivo, 50% (n=30) isola-se, 20% (n=12) aceita tranquilamente as decisões do professor e 10% (n=6) chora (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Reações do aluno quando é contrariado pelo professor



Angélico e Del Prette (2011) em seus estudos detectaram que indivíduos com síndrome de Down que se apresentam agressivos, agitados e difíceis de manejar. Também foram levantadas características como birrentas, calmas, agitadas e irritadas para crianças pré-escolares com síndrome de Down. Outras como desatenção, teimosia e desobediência foram apontadas como problemas de comportamento comuns em indivíduos com síndrome de Down em estudos de Cuskelly & Dadds, 1992, Dykens, Shah, Sagun, Beck, & King, 2002. Já na adolescência, segundo estudos de autores como Soresi e Nota (2000 apud ANGÉLICO; DEL RETTE, 2011), indivíduos com síndrome de Down frequentemente experimentam dificuldades em estabelecer e manter relações com amigos na escola, bem como com figuras de autoridade.

Em relação á percepção do professor em relação ao aluno, o estudo destacou as características do aluno em relação ao ambiente escolar, em que 40% (n=24) fica retraído, 40% (n=24) fica desligado e 20% (n=12) fica excitado (Gráfico 4)

Gráfico 5 - Características do aluno com SD em relação ao ambiente escolar



Quando questionou-se os professores sobre a percepção destes em relação à influência da afetividade como estimulação precoce na aprendizagem de alunos com SD, todos (100%) disseram que exerce muita influência.

Sem dúvida que o afeto é um grande aliado no trabalho do professor e deve ser a porta de entrada para o aprendizado. É o afeto a primeira conquista da atenção do aprendiz, uma forma de

conduzir a atenção para a aula, inibir comportamentos agressivos, motivará o aluno a querer aprender, tornar-se participativo, sendo capaz de romper bloqueios psicológicos e promover o bem estar do aluno bem como seu aprendizado de forma mais tranquila (SALTINI, 2008).

A afetividade interfere no processo de aprendizagem, por isso é importante a mediação do professor na sala de aula para que ocorra o avanço das crianças tanto nas aprendizagens de caráter conceitual, quanto de procedimentos e de valores. É importante que o professor respeite o aluno e acredite em seu potencial, contribuindo para que ele se sinta capaz de aprender (PELLISSON, 2006).



5 CONCLUSÃO

O estudo permitiu conhecer que a Síndrome de Down trata-se de um problema crônico que afeta as funções físicas, mentais e sociais do indivíduo, devido às limitações que traz, porém, é possível fazer com que as pessoas com SD possam conviver de forma harmoniosa, segurança e autonomia em sociedade.

O tema deste estudo foi embasado por autores que destacam a afetividade como o principal elo entre inteligência, motivação, e aprendizado e a escola constitui-se como um espaço legítimo para o desenvolvimento sócio-afetivo dos sujeitos, sendo também espaço de construção da afetividade e do conhecimento centrado na intervenção sobre a inteligência. Portanto, todas as atividades de ensino desenvolvidas pelo professor, visando ao sucesso dos alunos devem ser permeadas pela afetividade e proporcionar uma boa relação entre o sujeito e o objeto de conhecimento.

O grande foco do estudo, a afetividade, foi reconhecida por 100% dos professores como um fator primordial para o sucesso da aprendizagem de alunos com Síndrome de Down. Entretanto, Percebeu-se, através dos problemas enfrentados pelos professores junto ao aluno com necessidades educativas especiais, que as respostas destes refletem a necessidade de se pensar práticas mais efetivas que contemplem as atividades do cotidiano escolar e as relações que se estabelecem no mesmo. As reflexões e questionamentos vindos desses profissionais ultrapassam, muitas vezes, questões genéricas. Denotam dificuldades vivenciadas no cotidiano, ações que se desenrolam no dia-a-dia escolar, seu desenvolvimento, as dificuldades de aprendizado ou mesmo questões relativas a propostas de atividades que poderiam modificar as práticas convencionais.

A inclusão possui um papel importantíssimo, pois o professor deverá elencar em seu projeto de aula, atividades que supram as necessidades de todos. Os alunos regulares valorizarão as diferenças as quais contribuirão para a formação de uma cidadania consistente e igualitária, pois



terão a oportunidade de vivenciar experiências como; solidariedade, compreensão, companheirismo e valorização do semelhante.

REFERÊNCIAS

FÁVERO, Eugenia Augusta. Direitos das pessoas com deficiência: garantia de igualdade na diversidade. In: **Revista Nova escola**. edição 182 - mai/2005.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Índices de deficiência**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/deffisica_nacional/especial.html.2012>. Acesso em: 15 jan. de 2014.

NUNES, Michelle Darezzo Rodrigues; DUPAS, Giselle. Independência da criança com síndrome de Down: a experiência da família. **Revista latino americana e Enfermagem**. V 19, n 4, jul.ago/2011

SCHWARTZMAN, J.S. **Síndrome de Down**. 2. ed. São Paulo: Memnon, 2003.

VOIVODIC, Maria Antonieta. **Inclusão Escolar de Crianças com Síndrome de Down**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004

ALMEIDA, Ana Rita Silva; SANTOS, Ariane de Brito; GAMA, Camila Barreto da. O prazer de aprender: práticas afetivas na sala de aula. **Braz. J. Biol.** Ano 68, v2, 2013.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Ed. 70, 2004.

BRUNO NETTO, Giuseppe. **Uma breve visão sobre a afetividade nas teorias de Wallon, Vygotsky e Piaget**. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Monografia de Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas. São Paulo, 2012

CARVALHO, Ana Cláudia Silva; TEIXEIRA, Selena Mesquita de Oliveira; NEGREIROS, Fauston. **Entre o discurso e a ação: a inclusão escolar sob a ótica dos professores no Piauí**. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.11/GT_11_09_2010.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2014.

CARVALHO, R.E. **Removendo barreiras para a aprendizagem**. Educação inclusiva. Porto Alegre: Mediação, 2006.

ESTEVÃO, Edna Aparecida Dos Santos. A importância da participação familiar no rendimento escolar da criança. Disponível em: <<http://www.redentor.inf.br/arquivos/pos/publicacoes/04122012Edna%20Aparecida%20Estevao%20-%20TCC.pdf.2012>>. Aceso em: 01 jul. 2014.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

GIMENEZ R, MANOEL EJ, BASSO L. Modularidade de programas de ação em indivíduos normais e portadores da síndrome de Down. **PsicolReflexCrit** 2006; 19(1): 60-5.

LUIZ, Flávia Mendonça Rosa e; et al. A Inclusão da Criança com Síndrome de Down na Rede de regulares de Ensino: Desafios e possibilidades. **Rev. Bras. Educ. Espec.** vol.14 no.3 Marília setembro / Dez, 2008.

ANGÉLICO, A. P. DEL PRETTE, A. (2011). Avaliação do repertório de habilidades sociais em adolescentes com Síndrome de Down. **Psicologia: Reflexão e Crítica** 24 (2).

SALTINI, Claudio J.P. **Afetividade e inteligência**. 6 ed. Rio de Janeiro: DP, 2008.

PELLISSON, Maria C. R. M. Análise de um memorial de formação: a afetividade no processo de constituição de uma professora. In: LEITE, Sérgio A. S. (org). **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. Parte III: Afetividade e constituição do professor. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.